

PARNASO BRASILEIRO

ou Seleção de poesias dos melhores poetas brasileiros, desde o descobrimento do Brasil, precedida de uma introdução história e biográfica sobre a literatura brasileira por J. M. P. da Silva. Em casa de Ed. e Henr. Laemmert.

Santiago Nunes Ribeiro

À medida que as necessidades literárias se multiplicam, o comércio de livros se torna mais ativo. O gosto da leitura tem feito progressos incontestáveis em todo o Império, e mui principalmente nesta corte e província. A Bélgica, a França e Portugal, mandam uma considerável porção de livros, que acham extração, apesar da exorbitância de seus preços. O mesmo acontece com as obras impressas no país, que ainda são mais caras. Algumas edições têm saído dos prelos brasileiros, e, geralmente falando, de livros úteis. Sem demorar-nos em tratar delas, faremos algumas observações que não são alheias do objeto deste pequeno artigo.

A livraria de um país ilustrado deve procurar os meios de satisfazer a exigência de bons livros, desejados pelos amadores da sã e amena instrução, e isto pelo preço mais módico, embora ganhe muito pouco: a desvantagem do momento vem a ser compensada com o tempo. Cumpre pois descobrir os meios de imprimir e vender livros recreativos e morais, por preço cômodo. Se tal acontecesse com as traduções do ilustre literato J. C. de Deus e Silva, elas estariam mais vulgarizadas, e esse prestante cidadão não teria feito sacrifícios que talvez lhe dificultem o continuar nos seus ultísimos trabalhos.

A barateza relativa é uma das causas da maior extração que têm as imorais e estúpidas produções – *Vida de Faublas, Citador, Compadre Mateus* –, e outras que, por muito espalhadas, chegam à mão da mãe de famílias, da donzela, do jovem que principia os seus estudos, etc., e que tanto pervertem a razão, a imaginação e o sentimento desses leitores.

A imprensa belga parecia habilitada para dar os livros franceses por um preço muito inferior ao de Paris. Entretanto Charpentier publicou a sua biblioteca e mostrou que podia dar edições mais corretas em tudo preferíveis às contrafeitas pelos belgas, e por preços muito baixos. Temos que alguns exemplos destes poderiam ser imitados no Brasil. Nós sabemos que a imprensa periódica não se presta a estas empresas e que a imprensa brasileira tem sido quase sempre periódica. Não lhe estranharemos esta queda natural que a força das cousas lhe faz tomar. Entretanto, seja-nos lícito dizer, que a imprensa não periódica (ou periódica, mas literária e específica), tivesse sido mais ativa; a instrução pública teria ganhado muito.

Estas reflexões nos foram sugeridas por ocasião da leitura do *Parnaso Brasileiro*, obra que folgamos de ver por isso que vulgariza as cópias de muitas das belas produções de poetas nacionais, algumas das quais são escassas, ou adulteradas em manuscritos e confinados em raros exemplares. Meritória por esse lado, a obra de que tratamos tem o defeito de não satisfazer em tudo aos desejos dos curiosos. Estranha-se nela a falta de muitas composições tão primorosas como as escolhidas; de maneira que ela peca pelo defeito oposto àquele que se notou nos cadernos que com título idêntico publicara o Sr. Cônego Januário. Nestes figuram certos versos menos que medíocres que não deviam entrar numa obra semelhante: naquela em vão se buscam certas peças de mérito subido, e que devem Ter lugar numa seleção perfeita. Das traduções dos salmos. Podiam extrair mais algumas: nas poesias originais do padre Caldas, porque omitiram a magnífica ode – O'Sinai, ó montanha, e outras? Os apaixonados de Gonzaga (e neste número estamos) também se queixam da exclusão de algumas sátiras *feiticeiras*.

A introdução histórica e biográficas que vem à frente da obra é devida ao Sr. Dr. Pereira da Silva. Sentimos não Ter espaço suficiente para discutir alguns dos pontos, em que o autor nos não parece estar ao abrigo da crítica. Fazendo justiça à elegância do seu estilo, e ao entusiasmo com que fala dos poetas, oradores e historiadores brasileiros, somos obrigados a transcrever uma opinião tal como a que o Sr. Dr. Pereira da Silva adota sobre a natureza da literatura brasileira. Ele a considera sim, como uma "cópia, imitação da portuguesa que já o era francesa" mas acrescenta: "reconhece-se porém, através do seu prisma,

a sua *nacionalidade*, a sua *origem nova e sagrada*". Esta opinião é sumamente favorável àquela que emitimos no nosso artigo do número 1º da *Minerva*.

Formulada como se acha, parece própria a conciliar as opiniões opostas sobre este assunto, e tem um certo caráter de *demi-vérité* que não satisfaz a todos os espíritos. Entretanto, nós temos um vivo prazer, considerando que não é a primeira vez que o Sr. Dr. Pereira da Silva fala da nacionalidade da literatura brasileira, e esperamos que este ponto seja incontroverso muito em breve, para todos aqueles que não quiserem negar a verdade conhecida por tal.

RIBEIRO, Santiago Nunes. Parnaso brasileiro. *Minerva Brasiliense*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 53-54, 15 nov. 1843.